

IDEIA DE TERRITÓRIO, REGIÃO, FRONTEIRA E LIMITE

 <https://doi.org/10.56238/arev7n4-039>

Data de submissão: 06/03/2025

Data de publicação: 06/04/2025

Clademir Trentini

Mestre e Doutorando em História do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (UPF), na linha de pesquisa 2: Sociedade, Natureza e Território, Campus de Passo Fundo- RS. Bolsista CAPES: Programa de Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior.

Email: clademirtrentini@gmail.com, e 206643@upf.com.br

Curriculum lattes: <http://lattes.cnpq.br/6757606113587105>

RESUMO

O termo região não é singular a um determinado local no espaço total. Possui características físicas, culturais e as dinâmicas sócio- econômicas singulares que tornam o referido local singular diante do todo, mas considera- se que este “local” sofre influência da materialização cultural humana. Contudo a questão do território tem a convicção que é a forma de apropriação e a tomada dos espaços naturais pela ocupação humana, que advém do espaço habitável, quando o homem toma para si e deixa suas marcas físicas para delimitar o meio em que ele se insere. O homem se apropria e toma para si um determinado lugar e esse indivíduo tende a demarcar, ou seja, criar “zonas” de influência que são designados de fronteiras, divisas, marco, limite e extremedura. O homem toma, demarca, disputa, apropria e identifica lugares com linhas imaginárias e barreiras físicas que impedem que o “outro” não tome para si aquilo que já está ocupado. Assim linhas imaginárias regem diferentes sociedades e territórios.

Palavras-chave: Território. Região. Fronteira. Limite.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Podemos realizar um amplo debate e argumentar sobre a definição de região, fronteira, território e limites. Debates geram diferentes interpretações sobre o mesmo tema entre áreas de conhecimento, estes diálogos são necessários para se construir a uma definição teórica daquilo que os temas citados representam na realidade. Precisamos interpelar sobre o sentido e significado que as palavras região, território, limite e fronteira representam diante das atuais conjunturas políticas, sociais e econômicas. Vivemos em “tempo” de intensas inovações e neste sentido também precisamos refletir sobre alguns conceitos e entendimentos que os temas propostos poderão variar na atualidade, sendo que as nações também divergem com o dilema de delimitar e definir região e fronteiras, pois até que ponto uma ideia ou atividade/ação humana é barrada nos limites territoriais de um Estado. Debates corriqueiros promovem socialmente interpretações baseadas no direito consuetudinário sobre divisas e limites. Os meios universitários constroem diferentes contextos e interpretações que confrontam o senso comum e compilam definições sobre o assunto. Conhecimentos do senso comum quando acolhidos são compilados e auxiliam a interpretar a visão de quem convive em divisões territoriais e subdivisões regionais que os Estados constituem no decorrer de sua demarcação territorial e consolidação nacional.

O tema região origina e fomenta inumeros diálogos de pesquisadores e geógrafos, sociólogos para construir a idéia de definição de limites sem impor limites regionais aos fatores de localização do espaço ocupado e caracterizado, pois a região é formada e constituída pelo todo, em seu conjunto de fatores naturais e humanos, portanto não podemos criar um ponto que indique exatamente o fim e o início de uma linha divisória para definir região A ou B. Ocorre que surgem muitas definições e indagações sobre o que podemos definir como regional, nacional e externo as fronteiras de um Estado, quando estas ideias são confrontadas estimulamos questionamentos atribuídos para definir e construir alguns ideários referentes ao conjunto de fatores que podem compor a região. Desse modo pode-se afirmar que região está estabelecida como algo não estático, mas físico, que sofre influências de transformação da natureza através de atividades culturais e materiais com uma sociedade sobreposta a esse determinado terreno.

Fatores de interesses externos sejam políticos, militares e territoriais podem tornar a fronteira física líquida/ maleável quando não há respeito a soberania territorial dos povos, quando os limites territoriais são modificados e os limites até então consolidados desaparecem e surgem novos. A fronteira líquida ocorre quando uma nação se infiltra sobre o território da outra e se recusa a retornar as linhas divisórias anteriores a infração territorial. Como tal ação ocorre pelo uso da força a linha recentemente constituída raramente será restituída originalmente. Aspectos assim ficam perceptíveis

em conflitos territoriais contemporâneos nos diferentes pontos geográficos justificados politicamente e massivamente redirecionando fronteiras na força, no ódio e na opressão.

Assim Eunice Nodari, fez uma interpretação de fronteira, debruçando-se sobre a história ambiental, afirmando que “a História Ambiental permite ousar e ultrapassar fronteiras que, afinal, são fluidas e construídas cultural e politicamente pelos humanos”. Podemos verificar muita incitação ao debater História Ambiental para entender as fronteiras impostas pelos humanos e suas consequências sócio-ambientais. Entender ou conhecer as fronteiras “promove-se, uma delimitação espacial mais tradicional, baseada nas fronteiras nacionais, fazendo com que as pesquisas na área ambiental superem também as fronteiras políticas” (2012, p. 35).

Carbonari entende a região como:

O espaço regional, não é portanto, um espaço fixo, e sim um espaço social com conjuntos heterogêneos em continua interação. É o testemunho do passado que atua sobre o presente e condiciona o futuro. Analisa-lo implica vê-lo como um espaço dinâmico, em continuo movimento. Portanto como produto da história e que ao mesmo tempo atua sobre ela(2009, p.28.)

Espaço está associado à possibilidade de se produzir algo, pois sem produção não existe espaço, e a produção dá sentido a ideia de lugar, que está pronta para determinar um território organizado por uma sociedade ali estabelecida. A localização e forma de ocupação irá influenciar no modo como o homem constitui e reproduz valores e formas de reinventar o próprio espaço já ocupado.

A região tem por identidade própria alguns fatores distintos e características singulares nascidas com a contribuição humana e geográfica para a singularidade do espaço, seja ele tradicional com materialidade física ou cultural gerada, por agentes sociais. A idéia de dimensão do espaço está diante de uma incógnita da apropriação e da proporção que o termo região quer diagnosticar, devido a haver um entendimento que o espaço é algo indeterminado, diante da gama de discussões sobre o tema. Os espaços não são autônomos, fazem parte de uma totalidade, mas com fisionomia distintas originadas no processo de ocupação e habitação humana.

Para definir de forma singular o que é espaço, passamos a ignorar que definições não são imutáveis e eternas mas sempre estão sujeitas a mudanças porque as pessoas no decorrer de sua história constituem formas diferentes de viver, produzir e relacionar, reproduzindo novos modos de definir e conceituar o espaço, que é algo natural, mas apossado pelo homem que elabora relações sociais e sobre ele utilizando seus recursos, assim Milton Santos define “o espaço é um verdadeiro campo de forças cuja formação é desigual, que a evolução espacial não se apresenta de forma igual em todos os lugares” (1985, p.122).

Segundo Milton Santos:

O espaço organizado pelo homem é como as demais estruturas sociais, uma estrutura subordinada- subordinante. É como as outras instâncias, o espaço, embora submetido a lei da totalidade, dispõe de uma certa autonomia (1978, p.145).

A concepção de região como um espaço menor dentro do espaço amplo pode soar ser muito vago, mesmo que este este identificado conforme suas particularidades, que também não são infundáveis. O espaço em sua totalidade pode ser representado ou é resultado das ações do passado e do presente. Portanto é necessário identificar ações humanas representativas e as relações do passado que originaram formas e modos de ocupação do todo indeterminado que passa a ser dividido em regiões. Assim as regiões passam a serem definidas de acordo com os critérios de ocupação, com algumas características econômicas, culturais, étnicas, linguísticas, relevo, clima, etc.

Por outro lado dentro do todo existem as regiões naturais, ou seja, que “é concebida como uma porção da superfície terrestre identificada por uma específica combinação de elementos da natureza como, o clima, a vegetação, e o relevo. Estas combinações traduzem especificamente paisagem natural que não estão sofrendo com interferências humanas”(Corrêa, 1997, p.184).

A região é agora entendida como resultado de um longo processo de transformação da paisagem natural em paisagem cultural. O arranjo dos campos, o sistema agrícola e o habitat rural, o modo de ocupação e urbanização, mas também o dialeto e os costumes estão entre outros, constituindo um espaço de formação territorial que esta em constante transformação, pois não existe algo acabado e perfeitamente constituído. Esse processo de transformação das características naturais dar-se-ão de modo constante e involuntário em um espaço que no entender de Santos, é uma criação humana e a natureza é tomada pelo homem para si e este a socializa (1978, p. 45). O fato do homem tomar o natural se apropriando do mesmo ele dará origem a aquilo que denominamos de território e por consequência a região. O fruto das ações humanas de demarcação é a posse do território. As condições físicas naturais deste espaço tomado determinam o tamanho do território.

Considerando que a ideia de região vem sofrendo algumas interpretações diferenciadas ao longo do tempo, onde em dado momento região era designada uma determinada localidade administrativa e por seginte já em períodos medievos temos a região como territórios dominados e suas subdivisões. Na contemporaneidade temos definições mais claras sobre um território propriamente ocupado e delimitado geograficamente. Assim a noção antiga de região não suporta as configurações atuais da economia, da política e demarcação territorial. O território é algo demarcado através das relações sociais e seus agentes. Considerando o termo território que provem do latim *territorium* e tem como significado um espaço de terra apropriado.

Mas qual seria então a dimensão de espaço na atualidade? Porque propor uma ideia de espaço é confrontar aspectos físicos, sociais, políticos, imaginário, culturais, entre outros? O espaço é uma área indeterminada mas que o homem tem por características próprias realizar a demarcação condizente com o espaço ocupado que é irrisório diante da conjuntura do todo, quando esse lugar menor é identificado conforme as suas configurações e estas não são fixas, ou seja podem mudar e por isso não podemos nos iludir com a visão de que região é um espaço determinado. A região tem características naturais como clima, relevo e vegetação e comporta uma paisagem que podemos defini-la como natural ou artificial moldada conforme a forma de ocupação. O principal fator que determina a paisagem modificada/artificial esta relacionado aos fatores étnicos/culturais dos povos que ocupam determinado espaço.

Barros afirma que a paisagem pode coincidir com uma “região natural” ou pode ser derivada de um padrão cuja singularidade associa-se a um tipo de ocupação agrícola ou organização humana do espaço. (1978, p.100). Ainda para Braudel o meio e o espaço são noções perfeitamente equivalentes. Oscilando a ideia de que o meio determina o homem e a de que os homens instalaram-se no meio natural transformando-o de modo a convertê-lo na principal base de sua vida social (1967, p.107). Assim podemos entender que o espaço irá determinar que “homem” será formado e as variadas civilizações ali constituídas, sendo que a civilização é a ocupação de um espaço, trabalhado e organizado. A região se define através das funções desempenhadas e necessárias para a sociedade que é marcada de forma diferenciada nos mais distintos espaços, as formas e suas funções tomam biotipos diferentes em cada grupo social. A região é um conjunto: território, povo, algo singular que produz, fator político, cultural. Mas fica compreensível a região quando temos a ocorrência da circulação de homens, produtos e a mescla de culturas. Quando o homem toma para si esse local de ocupação ele então se utiliza e propõe as suas particularidades sobre ele, que podemos afirmar que são as suas identidades.

Barros cita Raffestin para definir as formas de territorialização do espaço que são promovidas pelos homens no decorrer dos tempos citando:

“local” de possibilidades, [o espaço] é a realidade material preexistente a qualquer conhecimento e a qualquer prática dos quais será o objeto a partir do momento em que um ator manifeste a intenção dele se apoderar. Evidentemente, o território se apoia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder (1993, P.143).

Para tanto o espaço é espaço porque a sociedade o ocupa e em sua totalidade é resultado das ações sociais do passado e do presente, cada espaço é resultado de sua própria criação, bem como

poderá ser fracionado de acordo com as necessidades das pessoas envolvidas, sendo o espaço algo associado aonde se pode produzir algo, portanto sem produção não temos espaço.

Um espaço de formação pode ser denominado de território. Quando os homens se atentam tomar para si e sua comunidade, “grupo” parte do globo e o denomina de território apropriado, este começa concentrar atividades próprias do instinto animal humanizado, mas com suas essências ainda corriqueiras e extrativistas que deixa as suas marcas e individualidades. As particularidades sofrem interferência do meio em que este homem está inserido, mas que ao mesmo tempo também passa a interagir com fatores externo ao território apropriado, fatores estes que são do instinto para garantir a demarcação e sobrevivência mesmo que em locais inóspitos. De acordo com Pierre Vilar quando estamos a tratar de território estamos nos deparando com uma gama de apropriação de imobiliária distinta dos interesses individuais caindo no campo da demarcação e ocupação atendendo a uma expectativa em que se apoia no tempo e no espaço associando a divisão de fatores políticos e o institucional mas direciona forças produtivas: como a agricultura, comércio, demografia e o movimento dos homens (2007, pag. 07).

O processo de mobilidade humana e de suas fórmulas de acumulação também ficam expressas de forma nítida no modo de apropriação do espaço pelo homem em seu contexto de apoderar- se daquilo que está a sua volta, é uma forma de o homem identificar com aquilo que lhe convém que em seu espaço modificado conforme as perspectivas de o mesmo ao se estabelecer em determinado local, que poderá estar controlado e territorializado com as peculiaridades do sujeito que ali se estabelece. O espaço é tomado e modificado “construído” pelo homem em seu conjunto de ações para identificar -se com o mesmo através da constituição de seus valores expostos na sua forma de produção indiferente o âmbito territorial que o humano está tomando para si, assim o mesmo homem irá se aproximar de outros homens para identificar- se e interagir com o seu meio e obter algo recíproco para a constituição do seu espaço.

Os fatores que são criados e ou induzidos pelo homem influenciam seu meio de demarcação territorial como ocorre desde os primórdios com as populações nativas e que posterior irão atrair uma grande leva humana para esses lugares que irão impor um modo totalmente diferente de ocupação que fica nítido ao longo do tempo e em nossos locais atuais de habitação. Essas implicações são reflexos das necessidades criadas por ele “homem” diante da própria interação e mudanças sociais ao longo do tempo. O território é delimitado pela identidade, por interesses singulares e sociais de grupos humanos resultando em um produto de intervenção do trabalho humano sobre um determinado espaço.

Os homens migraram e demarcaram espaços desde os primórdios e como consequência ocuparam e apropriaram tudo a sua volta como algo *ad aeternum* que fosse seu, e isso fica nítido através

das formas de ocupação e interação com o meio. A aculturação do espaço é resultado de o homem também não estar mais vivendo em seu modo natural e neste sentido podemos se utilizar de Barros para justificar como o homem age e se apropria do espaço do seguinte modo: as ações e transformações que afetam aquela vida humana, que pode ser historicamente considerada dão-se em um espaço que muitas vezes é um espaço geográfico ou político e que, sobretudo sempre necessariamente constitui-se a em espaço social (1997, p. 106). O território quem constrói é o homem através da sociedade ali instalada e suas específicas culturas, quando temos bem claro para nós que o território é uma construção social. O território é, ao mesmo tempo, uma criação coletiva e um recurso institucional.

Desse modo podemos interpretar que de certo modo o espaço é constituído como um modo humano de aplicar a sua marca, pois os grupos humanos estão em constante luta de força com o natural e com o seu meio de sobrevivência. Assim que o homem se apropria e territorializa ele passa a constituir e redefinir o termo região. Região extrapola a ideias e discursos políticos, pois não temos um entendimento claro da dimensão que a palavra região abrange em conjunto com o espaço pois esses termos serão decisivos para a obtenção da definição de território. Já as formas de ocupação territorial ocorrem de formas distintas de acordo com as atividades ou produções socioeconômicas desenvolvidas e mesmo os momentos que o determinado grupo estas passando; somos imprevisíveis na forma de ocupação e de apropriação, mas é certo que o gênero homo é muito mais irracional na apropriação dos espaços físicos que outros seres.

Um território é um espaço constituído para interesses de mercado, valor agregado pelo homem que conforme sua localização possui um valor econômico agregado pois o homem tende a querer para si esse espaço para se mostrar influente em seu meio. Portanto o território é uma construção social que se refere a todas as sociedades em todos os tempos pois sociedades necessitam de espaços geográficos e neste sentido esses espaços quando ocupados e delimitados estão fazendo frente a outros espaços já ocupados e demarcados por outro grupos étnicos que também almejam expandir seus domínios territoriais e quando possível subjugar o “outro grupo” e se apropriar de seu espaço.

2 UMA BREVE DEFINIÇÃO DE FRONTEIRA

Em relação aos espaços tomados o homem começa a ocupar e criar divisas convencionais. Essas determinações humanas podem ser terrestres, marítimas, fluviais, lacustres (junto de lagos) e mesmo aéreas. Neste sentido estamos por definir a denominação do termo “fronteira”, que tem como ideia inicial até que local eu posso interferir e toma-lo como meu, sendo uma linha mesmo que imaginária que separa dois espaços. Quando retrocedemos para observar sobre as formas de ocupação e definição de fronteiras em tempos remotos podemos se utilizar das definições dos romanos que se

baseavam em algo instável como os espaços ocupados das cidades da época e espaços vazios (com pouca ou nada ocupação humana) entre estas, denominados de neutros. Correia afirma que:

a fundação do Estado moderno é acompanhada de um esforço para assinalar os limites e o novo Estado constrói para si limites cada vez mais sólidos aos quais ele dá um sentido político, fiscal e, sobretudo, militar, elemento fundamental no próprio vocabulário já que em francês—como em espanhol e em português—“fronteira/ frontera/ fronteira” vem diretamente do campo semântico militar: trata-se de “fazer front” ao inimigo que está do outro lado (2007, p. 05).

Análises neste sentido produzem confusões interpretativas devido as mais diversas definições e sentidos que a palavra “fronteira” constitui nas mais diversas sociedades e em lugares distintos. Fronteira ou divisa em latim *terminus*, para definir o fim daquilo que me pertence relacionando a posse/propriedade. A fronteira derivada do antigo latim deriva *fronteria ou frontaria*, indicando o território *in-fronte*.

Os Estados políticos físicos consolidados possuem suas delimitações territoriais sacramentadas e estáveis. Estados Nacionais já constituídos territorialmente e estabilizados politicamente possuem nuances fronteiriças definidas, que são aspectos importantes em relação ao Estado vizinho, como suas divisas estruturais e sócio econômicas. Correia, define fronteira a partir das particularidades físicas naturais enquanto entende que elas são postas através de uma construção social (1998, p. 85). Lembrando que a utilização de “marcos”¹ naturais fará permanecer ao longo dos tempos as delimitações organizadas por sociedades humanas sem modificá-las estruturalmente. As fronteiras são manipuladas e modificadas sem considerar os aspectos físicos como os representados por fatores econômicos rurais e suas atividades produtivas que são propostas por seus idealizadores. Modificar fronteiras naturais e manipular o ambiente para criar uma linha imaginária é do ser humano. A natureza tem suas linhas físicas e as pessoas criam linhas imaginárias, denominadas de divisa.

As fronteiras foram e estão sendo alargadas no decorrer do tempo por povos, nações, animais, que intitulam como necessárias para a ampliação de suas margens fronteiriças, seja pela migração, dizimação dos grupos étnicos nativos e mesmo na atualidade por imposição política econômica não por tomada de território mas por influenciar em outros territórios além de suas fronteiras. Constantemente o homem promove conflitos bélicos, alterando limites fronteiriços modificados por interesses militares e políticos. Portanto, podemos afirmar que os homens ainda por mais numerosos e demarcadores que são, não possuem consolidadas as fronteiras no mundo contemporâneo.

O ponto fatal para o alargamento das fronteiras são as ausências das Instituições Estatais, quando as minorias que habitam nesses rincões poderão se identificar com alguns aspectos da

¹ Um marco de divisa de terra é um elemento físico que delimita o limite de uma propriedade. São elementos fundamentais do georreferenciamento e são a expressão física da posse do proprietário

fronteira vizinha e compartilhar com um sentimento de pertencimento ao Estado que fica do outro lado da linha fronteiriça, quando neste sentido a fronteira deveria separar dois espaços distintos poderá agir de modo inverso. Mas as linhas de fronteiras deveriam ter as funções de proteção e troca, de estar dentro ou fora de um espaço homogêneo ou distinto. Quando temos a negligência da ação das instituições de ambos os Estados dos dois lados da fronteira poderemos ter uma interação entre as minorias que ali habitam o território “menosprezado”.

A fronteira tem por imaginário o “domínio” que separa uma nação da outra, mas também como os confins de um território dominado e ocupado. Muitos Estados ignoram questões fronteiriças de circulação de pessoas e mercadorias, salientando que estas também são geradoras de riquezas. Locais desassistidos pelo Estado constituem por necessidade núcleos de trocas e mediações entre as pátrias ao qual estão envolvidas. Quando vemos nestes locais uma “mistura de fatores culturais e uma singularidade cultural e econômica se desenvolvendo na fronteira, que é muito mais que uma linha divisória e sim uma intensa circulação de pessoas, ideias, mercadorias e por si mesmo um sentimento dividido e compartilhado.

Uma fronteira poderá ser expandida e retraída por movimentos migratórios, força física militar, cultural entre outros, pois não é apenas as marcas de um território conquistado, mas um espaço de construção nacional. Fronteira fixa existe quando os povos respeitam os limites de um e do outro sem ocorrer imposições reciprocas. As disputas territoriais expõem a disputa pelo controle de um lugar que atende a interesses de ambos os lados da estremedura. A guerra identifica a opressão exercida sobre um local/ território e a população luta para escapar da exploração conforme os interesses de cada indivíduo. O homem quer manter a demarcação e dar um sentido humano para o lugar ocupado. A fronteira em movimento é renegociada constantemente, as sociedades a delimitam e a reconstruem.

As fronteiras traduzem um espaço ocupado e uma mera divisão de territórios, mas exprimem um conjunto de fatores sociais, culturais, políticos e militares que estão inter-relacionados com os espaços ocupados através da proteção e imposição físicas dos povos. As fronteiras podem dividir qualquer coisa e não apenas terras, mas também poderá servir para demonstrar os abismos sociais existentes em um mesmo espaço. Mas por ironia temos a convicção dos povos e nações que não existe fronteiras e povo constituído eternamente.

Os limites são utilizados como a linha divisória entre Estados, e o limite está dentro do território, mas a fronteira está fora deste. Conforme GOLIN apu (Moodie, 1965, pag. 95) os limites podem ser assim entendidos:

Uma vez assentadas as linhas divisórias, a tendência era serem as mesmas consideradas como fixações rígidas que somente poderiam ser modificadas pelo irrompimento da guerra. Essa falha em reconhecer a mutabilidade dos limites, ou, possivelmente os receios que tal reconhecimento poderia acarretar, deu lugar às tentativas para reforçar a sua função separadora. Levantaram muralhas tarifárias e assentaram-se fortificações no esforço vã de conseguir-se a exclusividade mútua das entidades políticas, enquanto o aumento rápido da população, ampliando o comércio interestatal e o desenvolvimento dos meios de comunicação que tornava possível esse comércio, exigia a remoção dos obstáculos (2002, p. 12).

Os limites atuais poderão ser os limites modificados e desrespeitados amanhã diante das mudanças radicais que tem ocorrido no mundo contemporâneo. Os limites/fronteira líquida/fluída por interesses das nações se convergem de ambos os lados impondo seus desejos aos que ali ocupam. A fronteira é uma barreira que pode ser ultrapassada, mas que poderá ser solidificada pelas relações de poder entre povos e Estados, mas vale considerar que uma indefinição de limites de fronteira é resultado da falta de presença do Estado nestes locais. Nas palavras de Martins, (1997, pag. 150) “a fronteira é essencialmente o lugar de alteridade”, do conflito. Completando tais afirmações TAU apud (Reckziegel 2000, p.48) a impressão do fenômeno fronteiriço contemporâneo, no entanto, não deve iludir que essa “área compartilhada” também esteve, historicamente, em permanente “tensão”. Justifica-se assim que as fronteiras podem estar postas nos limites atuais mas que poderão sofrer interferências no decorrer do tempo conforme as civilizações que ali se estabelecem e dado importância que o local trans- fronteiriço vai obtendo para os Estados em litígio.

Fronteira e limites territoriais são resultados de uma sociedade em movimento. Estas podem sofrer modificações com os aspectos políticos, associados aos fatores sociais que são criações humanas, mas devemos ainda considerar a fronteira natural. Considerando os espaços não ocupados os Estados incentivam a ocupação como uma forma de se fazer presente e de demarcação dos denominados vazios humanos. Os Estados promovem a ocupação dos limites territoriais para se impor como nação ou desenvolver o sentimento de nação. Região e nação são formados por pessoas que têm uma identidade e interrelação em comum, seguindo o princípio do *uti possidetis*. No contexto de impor e criar novas linhas fronteiriças as linhas líquidas facilmente sucumbem e renascem distantes dali sem que os reais interessados possam opinar. Líquida porque não podem se impregnar/enraizar e festejar aos olhos de quem verificou as antigas e as novas linhas impostas no intervalo de ocupação das civilizações.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer dessa discussão é possível afirmar que as características ao qual podemos identificar os aspectos que compõem região, território, limites e fronteiras são mais amplos que conseguimos observar no senso comum, pois esses aspectos ficam claros quando suscitamos

argumentos da dimensão que tais afirmações possuem. Através das colocações acima propostas podemos considerar que delimitar região é um tanto desafiador, sendo que ela não existe isolada mas possui características próprias, que serão integradas na junção das demais singularidades de outros lugares.

Ao discutir as diferentes concepções de fronteira e região estamos criando um olhar atento as particularidades do determinado espaço ao qual queremos caracterizar. Assim definir algo concreto, instável e por si indefinido como são algumas fronteiras podemos interpretar que cada grupo humano ali estabelecido é condicionado prover seus interesses diante da coletividade.

Quando determinamos um território que pertence a uma nação estamos dando este algumas características próprias que são a sua identidade que necessita de um espaço/território para existir e superar os aspectos que existiam antes do determinado povo delimitar uma divisa. A divisa é criada para dividir, determinar aquilo que é de alguém. Ser território de um país é o condicionante para que uma sociedade seja constituída neste local como forma de consolidação daquele território. No mundo contemporâneo nós vamos gradativamente sofrendo interferência e interferindo no mundo pós fronteira e portanto somos resultado dessa mescla de produto humano ali construído coletivamente sem o uso da força física mas sim das decisões que são aplicadas por Estado nações, que por fim geram uma série de conflitos

Por outro lado essas singularidades ficarão, perceptíveis através da ocupação do espaço e apropriação do território que é uma forma de tomada de local por um grupo étnico ou cultural. Esse território por si irá identificar- se por suas características físicas naturais e artificiais constituídas pelo homem habitante deste local e essa delimitação de forma de ocupação será caracterizada pelas próprias fronteiras ou seja o que é do outro grupo que por si já é diferente. Essencialmente nos vivemos em locais demarcados territorialmente, criamos limites e divisas a todo o momento em amplas extensões de terra para assim constituirmos limites de “Estados, Países, e Plagas”.

REFERÊNCIAS

- BARROS, José D' Assunçao. O Campo da Historia- especialidades e abordagens. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BRAUDEL, Fernand. La Méditerrané e etle monde méditerraneen à I' époque de Philippe II (original: 1949), Paris: 1966. BRAUDL, Fernand. Civilisationmaterielle et capitalisme, Paris: 1967.
- CARBONARI, M.R. De como explicar laregión sin perderse em el intento. Repasando y repensando la Historia Regional. São Leopoldo: Unisinos, 2009.
- CORRÊA, L.S. Historia e fronteira. Campo Grande. AGB, 1998.
- CORRÊA, R.L. Trajetorias Geograficas. São Paulo:Bertrand Brasil, 1997
- GOLIN, Tau. A Fronteira/ Luiz Carlos Golin. Porto Alegre, L&PM, 2002.
- MARTINS, J.de Souza. O Tempo da Fronteira. Retorno e controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira. In_ Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano. São Paulo: hucitec, 1997.
- MOODIE, A. E. Geografia e politica. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.
- RAFFESTIN, C. Por uma geografia do poder. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- RECKZIEGEL, A. L. S. A diplomacia marginal. Passo Fundo: UPF Editora, 1999.
- SANTOS, M. Espaço e Método. São Paulo: Nobel, 1985.
- SANTOS, M. Por uma Geografia Nova. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. Príncipes de GéographieHumaine. Paris: Armand Colin, 1921.
- VILAR, P. Uma História Total em construção. Bauru, SP. 2007.
- NODARI, Eunice Sueli. Mata Branca: o uso do machado, do fogo e da motosserra na alteração da paisagem no Estado de Santa Catarina. In: NODARI, Eunice Sueli; KLUG, João (orgs.). História ambiental e migrações. São Leopoldo: Oikos, 2012, p. 35-53.